A universalidade do Saber filosófico como superação do transcendentalismo em L. B. Puntel

Marden Moura Lopes*

RESUMO
O objetivo deste artigo visa explicitar uma das teses da Obra *Estrutura e Ser*, de L. B. Puntel, a saber, a Filosofia desde sua gênese se concebeu a si mesma com a pretensão de possuir um saber abrangente e universal, poderíamos dizer *do todo da realidade-em-si*. Todavia, como isso é possível dado o caráter fragmentário dos saberes e sua redução à uma "*espécie de idealismo transcendental de cunho kantiano*"? Para tanto, faz-se necessário mostrar que a Filosofia é empreendimento teórico o qual visa explicitar a inteligibilidade de algo. Cabe então a pergunta: o que as coisas que conhecemos pressupõem para ser conhecidas? Isto significa evidenciar o conjunto de elementos que compõe uma teoria, o que para Puntel caracteriza: 1- sistemática das estruturas; 2- sistemática do mundo; 3- teoria do ser. Nossa reflexão desemboca na ineliminável tarefa de argumentar como o saber sobre o mundo é *saber sobre o mundo* mesmo em si, e não o que este é para mim (*Erscheinung* ou porque não dizer *Vorstellung*), pois somente apeados nesta orientação podemos aceitar a tese inicial em que a Filosofia se concebe. Por isso, não temos a pretensão de articular e aprofundar as teorias, mas, sustentados na concepção de que a Filosofia é um saber abrangente, indicar como a teoria Puntel supera radicalmente o idealismo transcendental à medida que resgata essa dimensão universal do saber filosófico do todo.

PALAVRAS CHAVE
Estrutura; Sistemática; Transcendental; Ser.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar como a Filosofia Sistemático-estrutural de L. B. Puntel, realiza de modo rigoroso uma superação da dicotomia radical teoria e mundo (sujeito e realidade), herdada pela filosofia kantiana. O pressuposto heurístico de nossa reflexão advém-nos do tópico 5.1.2.1 da obra de Puntel, *Estrutura e Ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*, que por sua vez o recolhe das considerações realizadas por H. Putnam, a saber, toda filosofia pós-kantiana se nos apresenta, consciente ou não, por assumir, de uma forma ou outra, a dicotomia kantiana sujeito-realidade [1]. É, portanto, tarefa irrenunciável da Filosofia superar tal cisão.

A Filosofia enquanto empreendimento estritamente teórico para L. B. Puntel desde seu início se concebeu a si mesma como um modo de saber universal o qual visava abranger todas as estruturas da realidade (1). Entretanto, o livro de Puntel, *Estrutura e Ser*, propõe-se a explicitar o que seja filosofia sistemática uma vez que se inscreve na Historia da Filosofia como um abra que trata filosoficamente *algo* tendo em vista o âmbito da realidade chamado

* Bacharel e Especializado em Filosofia pela FCF e Mestrando em Filosofia pela UECE. Email: mardenmoura@hotmail.com
[1] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. p. 476, 477.

todo, por isso, *Filosofia Sistemático-estrutural*. Assim uma quase definição do que seja filosofia sistemático-estrutural pode ser assinalada com a definição: "é a teoria das estruturas universais do universo do discurso ilimitado" [2].

O programa metodológico da Filosofia proposta em *Estrutura e Ser* pode ainda ser clarificado por Puntel quando, na polêmica da má interpretação de suas teses por Cirne Lima, escreve: "a meta de ES é elaborar o que no subtítulo de ES é denominado "um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática" [3]. Isso significa que uma explicação filosoficamente adequada da totalidade consiste precisamente na aplicação das estruturas formais, semânticas e ontológicas ao universo do discurso, isto é, a tudo que pode ser conhecido, pensado, tematizado, problematizado, expressado etc. [4].

Puntel assegura no tópico 5.1.2 de *Estrutura* e *Ser* que o abismo (*gap*) entre a dimensão do sujeito e a dimensão da realidade – legado irrenunciável da Filosofia kantiana que de uma forma ou de outra é evidente em todas as correntes da filosofia analítica – apresenta-se como o grande *impedimento* de uma sistemática compreensiva do mundo-em-si.

Fato incontestável é que o enfoque inicial em que a Filosofia se autoconcebia desde seu nascimento foi, paulatinamente, sendo questionado, criticado e impossibilitado cedendo lugar, por assim dizer, à um modo de saber fragmentado no qual a universalidade epistêmica da Filosofia se tornou impossível. Todavia, é a partir da *Revolução Copernicana* realizada por Kant que a Filosofia se torna uma teoria impossível da dimensão do *mundo* concebido segundo o filósofo de Koinsinberg como *coisa-em-si* (2), reduzindo tal teoria ao âmbito puramente *transcendental*.

Frente a estas duas afirmações emerge a pergunta: é possível recuperar esse caráter originário em que a Filosofia se torna existente? Seguindo, *aprioristicamente*, os argumentos do tópico 5.1.2 da obra *Estrutura e Ser*, de Puntel, procuraremos responder positivamente a essa pergunta, indicando de que modo uma teoria filosófica hoje não só pode mas, como exigência racional, deve ser teoria filosófica do *todo*, do Universal e, portanto, omniabrangente. Pois, uma vez possibilitada uma teoria filosófica que dê conta de teorizar o *todo* da real, podemos inferir que a dicotomia kantiana é superada pelo fato do âmbito

[2] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. p. 33.
[3] PUNTEL, Lorenz B. **C. Cirne-Lima e sua rejeição do "Deus de católicos e protestantes" e afirmação do "deus imanente dos místicos" - um exame crítico das suas críticas e interpretações decorrentes do seu sistema neoplatônico-neohegeliano.** Síntese, Belo Horizonte, v. 36, n. 114, 2009. p. 48.
[4] "Examinadas mais de perto, as estruturas universais ou mais gerais são as estruturas que estruturam o universo do discurso (o mundo, o universo, o ser) como um *todo*". In. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 42.

estrutural a ser teorizado e conhecido é sempre o *mundo-em-si*. Para tanto, abordaremos em linhas gerais, num primeiro momento, a problemática indicada por Putnam e assumida por Puntel, tendo como horizonte as tematizações de Kant, uma vez que, segundo Puntel, "toda filosofia crítica de Kant está baseada nessa dicotomia" (sujeito e coisa-em-si) [5]. Depois, apresentaremos a mútua implicação e inseparabilidade entre sistemática-estrutural e sistemática do mundo, possibilitada pelo que Puntel entende por Ser. Por fim, faremos um rápido balanço crítico indicando os corolários conclusivos de nossa reflexão e demonstrando um argumento que Puntel utiliza para, de uma vez por todas, levar às últimas consequências sua posição como uma radical superação da Filosofia transcendental.

1 PROBLEMÁTICA PRELIMINAR – O RADICAL ABISMO ENTRE SUJEITO E OBJETO

Um dos pontos mais centrais e decisivos da Filosofia hodierna enquanto teoria é o enfrentamento com a Filosofia Transcendental de herança kantiana. Perdura ate nossos dias o paradigma epistemológico da *Kritik der reinen Vernunft* que Kant denominou "Revolução copernicana" [6]. É necessário esclarecer exatamente o que propriamente significa e implica tal fundamentação. De imediato poderíamos sustentar que sua postura permanece vinculada à censura entre *pensar e ser* da tradição filosófica moderna articulada, sobretudo, a partir de Descartes.

Para poder perspectivar a possibilidade interna do conhecimento apodítico, Kant entende que deve ser oferecida uma fundamentação sobre a dimensão pressuposta como base que venha a servir de alicerce do que se investiga. É por isso que Kant trata de deixar claro, logo no início de sua primeira crítica, qual seja esse fundamento quando escreve: "chamo *transcendental* a todo o conhecimento que em geral se preocupa menos dos objectos, que do nosso modo de os conhecer, na medida que este deve ser possível *a priori*. Um sistema de conceitos desse gênero deveria denominar-se *filosofia transcendental*" [7]. Com efeito, todo

[5] Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 477.
[6] De acordo com Ottfried Höffe, "a revolução copernicana de Kant significa que os objetos do conhecimento objetivo não aparecem por si mesmos, mas eles devem ser trazidos à luz pelo sujeito (transcendental). Por isso eles não podem mais ser considerados como coisas que existem em si, mas como fenômenos. Com a mudança do fundamento da objetividade, a teoria do objeto, **a ontologia, passa a depender de uma teoria do sujeito, de modo que não pode mais haver uma ontologia autônoma**." In HÖFFE, Ottfried. **Immanuel Kant.** São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 45. (Grifo nosso)
[7] **KrV**, B25

conhecimento que serve de base a partir da qual tudo mais será possível epistemologicamente, anuncia-se pela exigência de ser absolutamente necessário [8].

Todavia, ao explicitar a base para todo conhecimento apodítico, devemos nos perguntar o que pode ser conhecido por este e o que está além disso. A investigação percorre, então, a busca das condições do conhecimento que independem da *experiência* e, conforme o que assinalamos, tal se dá pela constatação de uma estrutura prévia no sujeito que o possibilita, mas que, ao mesmo tempo, o limita a *fenômenos*. A origem fundante da fundamentação epistêmica é a razão humana e, como tal, o caráter dessa racionalidade, que, numa palavra, podemos evidenciar em sua característica finita. A limitação fenomênica do conhecimento não é senão uma característica propriamente sua, marcada pela intuição sensível (espaço e tempo) [9]. Ou seja, a tese defendida por Kant é que o que nos é dado sensivelmente é possível e passível de objetividade epistêmica objetiva através e somente das categorias de nosso entendimento, todo que lhe escapa é incognoscível. Denota-se nesta tese uma postura antirrealista, pois somos nós o polo de determinação última do que nos aparece [10].

Como a *KrV* toma a característica finita do ser humano com base do problema da fundamentação epistêmica, fica patente que também precise acentuar a dicotomia entre conhecimento finito e infinito [11]. Ele realiza esta tarefa frente a interpretação dos conceitos de fenômenos e coisa-em-si [12]. Com isso, temos formulado uma separação radical entre conhecimentos finito e infinito, ou seja, entre o sensível e inteligível. Enquanto o fenômeno seria objeto da sensibilidade o númeno seria objeto inteligível: um objeto é concebido, então, como fenômeno e coisa-em-si. Porém, segundo Thouard, sustentando a tese da incognoscibilidade da coisa-em-si, no cognoscível (fenômeno) há alguma coisa que é fenomenalizada, mas sobre esta coisa nada podemos saber. Paradoxal é conceber que esta coisa da qual nada podemos saber é causa dos fenômenos que nos afetam; uma vez que os ultrapassa e escapa ao conhecimento pode ser pensável - *noumenon* [13].

---

[8] Cf. **KrV**, A XV
[9] Cf. **KrV**, B147.
[10] Conforme assevera Kant: "a razão nunca se reporta diretamente a um objeto, mas simplesmente ao entendimento e, por intermédio deste, ao seu próprio uso empírico; não *cria*, pois, conceitos (de objetos), apenas os *ordena* e lhes comunica aquela unidade que podem ter na sua maior extensão possível, isto é, em relação à totalidade das séries, à qual não visa o entendimento, que se ocupa unicamente do encadeamento *pelo qual* se *constituem*, segundo conceitos, as *séries* de condições". In. **KrV**, A643-644, B671-672.
[11] Não queremos entrar na controvérsia a respeito quarela de interpretações sobre a dimensão *numênica* do ser humano, mas deixar claro que se pode sustentar como Kant prova que podemos utilizar os conceitos e princípios puros do entendimento para além do campo da experiência.
[12] Cf. **KrV**, B XXVII
[13] Cf. THOUARD, Denis. **Kant**. Trad. Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 88.

Com isso, há algo no mundo objectual que não pode ser conhecido na *KrV*, esse algo é, por sua vez, condição de existência do que nos afeta. Tal afecção é o que constitui o conhecimento empírico, o qual, por sua vez, é constituído experiencialmente em três momentos: 1- as percepções sensíveis; 2- a ordenação destas pelas leis da intuição pura; 3- sua submissão ao uso lógico do entendimento. Categoricamente, essa ordenação permite passar da aparência à experiência: em primeiro lugar estamos no campo da aparência (*Erscheinung*), depois no campo ordenação uma vez que temos sua representação (*Vorstellung*) e, por fim, temos a experiência de algo como objeto.

Nisso propriamente se funda o idealismo transcendental, porque uma vez negada a possibilidade de acesso a realidade mesma dos fenômenos, o conhecimento se constitui a partir da esfera transcendental, instância doadora de sentido a tudo. Dar sentido epistêmico a algo não é conhecer o sentido mesmo deste algo, mas impor uma cognoscibilidade, neste caso, do ponto de vista subjetivo, à um objeto, à realidade, ao mundo, que enquanto tal, em seu *em-si*, permanece inacessível.

Já é possível agora sitiar a problemática que Puntel se pretende enfrentar tendo em vista a radical dicotomia, diga-se de passagem presentes em boa parte das filosofias pós-kantianas, entre a dimensão do sujeito e a coisa-em-si, ou como diz Puntel "entre um lado que é em si e um lado moldado pelo nosso espírito" [14].

2 O SER COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DA FILOSOFIA SISTEMÁTICO-ESTRUTURAL

Foi por meio do enfrentamento com as questões expostas que a teoria filosófica punteliana evidenciou e estruturou três momentos de sua articulação para apresentar uma resposta positiva rigorosamente formulada, são eles: 1- Sistemática Estrutural; 2- Sistemática do Mundo; 3- Teoria do Ser. Mediante esta formulação, argumentaremos como a posição de Puntel se apresenta ao cenário filosófico atual como uma posição inconteste que supera a Filosofia dita *Idealista*.

De acordo com Manfredo Oliveira o objetivo aqui é retomar a dimensão sistemática da Filosofia, ou seja, articular numa mundividência teórica uma teoria da totalidade do Ser, pensado como o ponto de vista global da realidade [15]. Isso se explica pelo fato de que a

[14] Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 481.
[15] Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 7. Ou ainda: "O objetivo básico da posição de Puntel é recuperar este caráter sistemático da

atividade filosófica pensada como uma atividade teórica caracteriza a Filosofia como Teoria, indiscutivelmente, segundo o que já apresentamos: Filosofia é teoria (a)! Todavia, tal teoria não é uma teoria setorializada, fragmentada, exclusiva de uma partícula isolada mas é teoria do todo: Filosofia é teoria do todo (b)! Entretanto, este todo é um todo absolutamente acessível, não obstante sua sistematicidade, complexidade e interconectibilidade. Segundo Puntel: "Se queremos compreender o mundo, temos de reconhecer de início que ele é um todo altamente diferenciado e estruturado" [16]. Se o mundo *é um todo diferenciado e estruturado*; se Filosofia é teoria; e se essa teoria é teoria do todo e este todo é a diversidade, variedade de estruturas do mundo; logo: Filosofia é teoria do todo das estruturas do mundo (c)!

Ora, estas três afirmações (a, b, c) desembocam no quadro de uma concepção compreensiva da realidade em que tal universalidade é expressa pelo termo *Filosofia Sistemático-Estrutural* [17], haja vista que a expressabilidade de uma teoria vise sempre o *mundo-em-si*, sem prescindir de sua estruturalidade conexa e suas diferenças, é claro. As estruturas constituem o espaço de expressabilidade do universo. Vale salientar que ao desenvolver tal teoria sistêmica não deslizamos do polo objetivo estrutural do *mundo-em-si* para o polo subjetivo, uma vez que tal teoria enfoca a expressabilidade universal e estrutural do que se expressa, a saber, o mundo mesmo [18]. Por isso, Puntel assevera que "Filosofia sistemático-estrutural é a teoria das estruturas universais (mais gerais) do ilimitado universo do discurso" [19].

Por ser atividade impreterivelmente teórica, a Filosofia tem a tarefa irrenunciável de explicitar a inteligibilidade de algo, poderíamos dizer do mundo. Mediante a esta tarefa cabe perguntar: "*o que as coisas que conhecemos pressupõem para serem conhecidas como tais?*". Tudo que conhecemos nos é dado dentro de um *quadro referencial teórico*, que enquanto tal é constituído de uma *Linguagem* (onde uma sentença é elaborada na linguagem específica), uma *Semântica* (a sentença dá as palavras que a forma um significado valorativo específico),

---

filosofia, ou seja, elaborar uma teoria filosófica como uma teoria do ser como tal e em seu todo. Esta concepção global da realidade possui duas características básicas: a completude da temática e a demonstração das conexões entre todos os componentes temáticos." In. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser**. Belo Horizonte: **Sapere Aude.** v. 1, n. 2, p.82-107, Novembro. 2010. Aqui. p. 92.

[16] PUNTEL, Lorenz B. **O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque**. KRITERION, Belo Horizonte, nº 104, Dez/2001, pp.7-32. Aqui: p. 2.

[17] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p.1.

[18] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 128; 482. Por *expressabilidade* Puntel entende inteligibilidade, compreensibilidade, articulabilidade, explicabilidade..., que não pode ser concebida sem a linguagem, uma vez que deve pressupor a relação inversa do ato de expressar, o qual é indicado como *instância expressante*.

[19] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 33.

uma *Lógica* (as palavras das sentenças seguem uma encadeação ordenada e referida a certos níveis de raciocínios) e uma *Ontologia* (o enunciado efetivado se refere ao mundo-em-si, daí o saber dizer respeito a realidade mesma, aos entes ao Ser) [20]. Destarte, tudo que conhecemos dentro deste quadro pressuposto é possibilitado pela esfera à qual ele se refere [21], uma vez que tal referência marca o modo pelo qual algo se nos torna inteligível, compreensível.

Tudo que conhecemos nos é acessível dentro de um quadro teórico. Isso significa dizer que ele possibilita o conhecimento das estruturas da realidade, pois nele se exprime a inteligibilidade de algo. Não há quadro absoluto, por mais elaborado que ele seja ele só pode tornar acessível outras perspectivas teóricas, já aqui tal sistemática estrutural não levanta a pretensão de elaborar um quadro único de referencialidade a partir do qual o mundo se nos manifestará como é o caso da filosofia transcendental, que faz da esfera subjetiva a instância a partir da qual tudo é compreensível, mas ela busca um quadro que detenha as melhores condições de expor uma teoria *hoje*. Posteriormente esse quadro poderá ser insuficiente para dar conta de uma nova estrutura que venha a surgir sendo necessário passar a um novo quadro.

Tematizada em linhas gerais esta dimensão estrutural, a tarefa que se nos apresenta agora deve enfocar a relação entre a Sistemática Estrutural e o universo em que o discurso filosófico se efetiva enquanto tal, ou seja, o universo dos temas estruturais, do mundo cujos quadros referenciais apresentam. Isso se mostra como tarefa incontornável uma vez que a teoria filosófica, aqui, pretende atingir as estruturas do mundo-em-si [22] indicando uma radical contraposição ao caráter fragmentário da Filosofia e ao quadro teórico em que se articulou a Filosofia dita transcendental [23].

A sistemática do mundo [24] só pode ser compreendida com a categoria *mundo de fatos*, pois ele é a conexão irrestrita de todos os objetos possíveis, ele é a dimensão ontológica na

[20] Cf. HERRERO, Javier F. **Ser e Deus na Filosofia sistemático-estrutural de Puntel**. Síntese - Revista de Filosofia, V. 39 N. 124 (2012): 205-236. Aqui. p. 210.
[21] Refere-se a uma dimensão específica do mundo, mas essa dimensão está interconectada com tudo.
[22] "Na realidade, o que aqui se fez foi a articulação das estruturas semânticas básicas que são condição de possibilidade para a efetivação da tarefa a ser empreendida de articular as novas estruturas ontológicas básicas. Uma estrutura é o conjunto de dados (ou entidades de qualquer tipo) e um conjunto de relações (ou funções) a respeito desses dados, o que é o caso no que diz respeito a sentenças primas, proposições primas e fatos primos." In. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. p. 234.
[23] Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser**. p. 95.
[24] Vale evidenciar que Puntel distingue entre *mundo* e *Mundo*. O primeiro diz respeito a dimensão entendida como a totalidade que abarca todos os entes objetivos e que, todavia, não inclui em si toda a dimensão estrutural e objetiva da realidade, do mundo. O segundo é evidenciado pelo que Puntel chama de "ser primordial", pois uma vez que as dimensões estruturais e objetivas se relacionam é preciso pressupor uma unidade fundamental que a possibilite, daí o termo *Mundo* é a dimensão que abrange a dimensão estrutural e o mundo. Cf.

qual todos os objetos possíveis nos são dados. O que a Sistemática do mundo indica é que o mundo não é uma pura discrição de um mundo que se efetiva na esfera transcendental de um sujeito, antes, como sustenta Manfredo de Oliveira, todas as suas "estruturas possuem imediatamente um valor ontológico, e que tudo o que tem que valer ontologicamente é para ser entendido como estruturalidade ontológica" [25].

Entrementes, o enfoque proposto para uma nova concepção do conceito de categoria ontológica apoia-se fundamentalmente em considerações de caráter semântico na qual as sentenças se mostram como unidades semânticas centrais de acordo com o Princípio da contextualidade sentencial em sua forte versão [26]. E uma vez que a perspectiva holística é marca indelével da posição de Puntel, a linguagem é entendida pelo princípio de contextualidade holística, pois não existem sentenças isoladas uma das outras [27]; com efeito, devemos aceitar quando Puntel argumenta que "uma proposição é entendida como o *expressum* de uma sentença *prima declarativa* (ou seja de uma sentença sem a forma sujeito-predicado)" [28]. À estes argumentos subjaz a radical tese de que semântica e ontologia são dois lados da mesma moeda.

Pela aplicação das estruturas são, assim, elaborados os traços fundamentais da sistemática do mundo, enquanto conjunto dos domínios dos entes finitos ou contingentes, o que permite assumir a tese de que a dimensão teórica – para além do sujeito cognoscente – é parte da Natureza e, como tal, é ontologia pois diz respeito à dimensão teórica no seu sentido objetivo [29]. Conforme Manfredo de Oliveira argumenta:

> O tratamento da conectividade última é precedido, depois do esclarecimento da dimensão estrutural, por uma consideração dos diversos campos do universo a partir da dimensão estrutural sem que metodologicamente estas precisem ser aqui explicitadas e tematizadas o que significa dizer que desta forma as estruturas inicialmente consideradas são especificadas e concretizadas. Isto constitui o que Puntel denomina a "sistemática do mundo" porque aqui o universo do discurso é determinado em primeiro lugar como mundo com seus diferentes campos (natureza inorgânica e orgânica, mundo humano, religiões, etc.). [30]

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. p. 259. Observemos que quando se fala de sistemática do mundo, estamos nos referindo a *mundo*.

[25] OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. p. 256.

[26] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 265.

[27] É muito clara a explicação do próprio Puntel em PUNTEL. Lorenz B. **O Conceito de categoria ontológica: um novo enfoque**. KRITERION, Belo Horizonte, nº 104, Dez/2001, pp.7-32. Especificamente: p. 21-24.

[28] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 270.

[29] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 535.

[30] OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser**. p. 96.

Precisar o esclarecimento das estruturas específicas destes diferentes campos é a tarefa da Sistemática do mundo. O que, porém, procura evitar o deslize para estrutura sujeito-predicado é o enfoque dado a categoria ontológica fundamental, a saber, o *estado primário das coisas* ou a *estrutura prima ontológica*, Conforme Puntel observa

> A ideia básica pode ser formulada assim: com base no que foi exposto, um fato primo simples não deve ser pensado como uma entidade isolado ou *atômica* num sentido absolutamente literal e negativo, "sem janelas", e totalmente encapsulada; ele próprio é, antes, estruturado, e isto no sentido de que ele é *determinado* por uma rede de relações ou funções; dito de outro modo: ele *é* essa rede de relações ou funções.[...] por causa dessa determinidade ou justamente "estruturalidade" do fato primo simples pode e deve ser dito que o próprio fato primo simples é uma estrutura (ontológica) prima. "Estrutura" deve ser entendido agora não como *estrutura abstrata*, mas como *estrutura concreta*: como um fato simples determinado por uma rede de relações ou funções. [31]

Mas como devemos entender a tese de que cada ocorrência de uma sentença expressa uma proposição prima própria e individual? A centralidade da linguagem é considerada na medida em que ela exprime e apresenta o mundo-em-si e não uma representação do mundo para mim; daí a totalidade ilimitada dos objetos é a totalidade do que é dado na linguagem. Por isso, a Filosofia sistemático-estrutural é teoria das estruturas universais do discurso ilimitado. Então, como concebemos esse ilimitado universo do discurso? Se tal é o caso de ser a totalidade do que é dado, e o que é dado é dotado de uma certa estruturalidade, existe o grande dado pré-teórico. Isso permite dizer que, como a sentença é para Puntel mais decisiva que a *palavra*, tal como é a semântica frente a sintaxe, a estrutura da sentença pré-teórica pode ser demonstrada atribuindo um operador teórico, anterior às determinações subjetivas transcendentais, assinalado, por exemplo, "X é o caso que ϕ". Onde 'X' não é o sujeito mas um indicativo geral de um campo que é articulado de modo indireto em todas as sentenças teóricas. Destarte, o uso do operador teórico em qualquer sentença declarativa revela e explicita a dimensão absoluta do Universal [32].

Todavia, o problema que se enfrenta agora pode ser pode ser evidenciado pela seguinte pergunta: o que possibilita a mútua implicação entre a estrutura da compreensão da realidade e o *mundo*? Pois dizer que eles se relacionam pressupõe que haja algo que torne possível essa relação se não concebemos que estrutura compreensiva e as estruturas do mundo sejam, no enfoque teórico, a mesma coisa.

[31] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 277.
[32] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 540-543. Muito embora a articulação seja diferente os créditos desse exemplo devem ser atribuídos à HERRERO, Javier F. **Ser e Deus na Filosofia sistemático-estrutural de Puntel**. p. 213-216.

De imediato podemos sustentar que a teoria do Ser emerge como a condição possibilitante da relação entre estrutura da compreensão da realidade e estrutura do mundo. Ora, introduzir este argumento nesse momento de nossa reflexão permite assumir a tese da unidade originária entre as estruturas e o ser: "existe interconexão rigorosa entre linguagem e mundo (universo, ser), visto que ambos estão inseparavelmente relacionados um com o outro" [33], conforme sustenta Puntel. O que torna possível a afirmação de que é uma exigência da reflexão explicitar o Ser como a interconexão de todas as interconexões estruturais; nesse sentido é um pressuposto ineliminável de todos os empreendimentos teóricos [34]. Por isso, sobre a amplitude do Ser, Puntel assevera que tal dimensão deve ser lembrado como "a dimensão que confere forma à "conexão" de pensamento/espírito/linguagem, de um lado, e mundo/universo/ser-no-sentido-objetivo, de outro; essa conexão vincula as duas dimensões uma com a outra, mais precisamente, de tal modo que as duas dimensões aparecem como diferenciadas de uma única dimensão abrangente original, da dimensão do ser" [35].

Não obstante as diversidades de quadros teóricos existentes e os diversos domínios interconectados entre si, o Ser primordial emerge como a dimensão omniabrangente fora da qual nada é possível ser imaginado, pensado, concebível, tematizado, já que é o possibilitador da conexão e da inteligibilidade das estruturas. Para se pensar a teoria do ser devemos lançar os argumentos na ordem categorial em que o ser pode ser inteligido.

Inferimos que a categoria primeira para se pensar o ser é inteligibilidade absolutamente universal [36], absoluta bondade e absoluta beleza [37], haja vista que é estruturado em todo quadro teórico e se nos apresenta como interconexão de todas as interconexões, assume em sua amplitude essa superlatividade que tudo abrange. Não obstante, uma outra categoria para pensarmos o ser é a necessidade, possibilidade e contingência [38], pois se concebemos que há uma dimensão do mundo que é necessária, possível e contingente, necessariamente precisamos assumir que há uma dimensão do ser necessária, possível e

[33] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 272.
[34] Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 544.
[35] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 582.
[36] Cf. Idem.
[37] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 585, 586.
[38] PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. p. 587. Na página 589, Puntel esclarece que as modalidades (necessidade, possibilidade e contingencionalidade) devem ser entendidos conforme seu uso na lógica modal. Vale ainda explicitar que a categoria da contingência se aplica ao ser pelo fato de se assegurar a existência de entes contingentes; daí deve-se assegurar que em tais entes há o ser, portanto existe uma dimensão contingente do ser. cf. Idem. p. 590.

contingente. Essa dupla categorização permite Puntel pensar o ser como bidimensionalidade o que caracteriza sua absoluta necessidade e sua dimensão contingente [39].

3 CONCLUSÃO – UM BALANÇO CRÍTICO

Cientes estamos que não especificamos muitos dos pressupostos de nossa reflexão, o que não significa que Puntel também o faça. Entretanto os elementos cuja análise reflexiva nos propusemos a analisar, de fato, analisamos. Uma vez que o abismo intransponível entre sujeito e mundo é explicitado, nosso objetivo foi de demonstrar como a Filosofia sistemático-estrutural emerge como uma alternativa ao postulado denominado transcendental presente na Filosofia hodierna.

Puntel, claramente, em contraposição ao transcendentalismo, defende uma concepção realista, segundo a qual o mundo possui intrinsecamente uma estrutura, ou seja, uma estrutura que não é projetada sobre ele por nenhum sujeito cognoscente, tal como é o caso da filosofia analítica.

Puntel introduz um recurso de determinação das funções das sentenças, comforme vimos eles são os operadores (teórico; prático; estético) Esses operadores, semelhante aos operadores modais, são aplicados às sentenças bem formadas e geram, novamente, sentenças bem formadas. A expressão "operador teórico" é extraído do Tractatus de Wittgenstein (sem assumir o seu caráter de contingencialidade): "é o caso que ...".

É o argumento que identifica a apresentação linguística do mundo que emerge de todo o contexto de Estrutura e Ser, pois a dimensão do operador teórico permite evidenciar uma dimensão que possibilita a mútua implicação entre ser e estrutura, na medida em que o operador "é o caso que" se efetiva, indicamos uma dimensão extremamente anterior a toda determinação epistêmica do ponto de vista do sujeito transcendental; assim, o que se deve investigar por primeiro não é senão a dimensão universal da aplicabilidade do universo ilimitado do discurso.

Assim, para ser fiel às suas teses a filosofia transcendental deveria conceber o modo pelo qual conhece infere algo sobre algo assim: "do ponto de vista da subjetividade transcendental é o caso que...". Isso designaria a referência a incontornável desse quadro referencial ao sujeito transcendental perpetuando a censura entre esta dimensão e o mundo.

[39] OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser**. p. 105.

E é por essa mesma perspectivação epistêmica que Puntel, assegurando a centralidade da linguagem, salienta que, ao determinar uma operador teórico, o sujeito cognoscente transcendental não emerge como referencialidade na sentença teórica articulada; não obstante, isso não significa que ele seja inexistente. O que acontece é de imediato constatado pela força dos argumentos do Filósofo, pois já que o "sujeito universal é o sujeito elevado à perspectiva universal, a menção explícita do SU é inteiramente redundante; o SU, que é o sujeito destituído de todas as particularidades, é simplesmente identificado com a perspectiva universal. É neste sentido que o sujeito como sujeito universal "desaparece"" [40].

Por conta deste enfoque universal onde tudo pode ser expressado pelas estruturas e, portanto, linguisticamente apresentado, o *gap* de herança kantiana é, de vez, superado enquanto a Filosofia recupera seu caráter estritamente abrangente mesmo em meio à fragmentação epistemológica e, diga-se de passagem, Puntel argumenta e demonstra o porque desta tarefa se constituir uma exigência da razão, temática que não podemos enfocar aqui pois certamente extrapolaria a pretensão de nossa reflexão.

[40] Puntel, Lorenz b. **Observações críticas sobre uma resenha de Guido Imaguire da obra: Estrutura e ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática.** Síntese, belo horizonte, v. 40, n. 126, 2013. pp. 43-72. Aqui. 49.